



SOUZAEAD[®]

Revista Acadêmica Digital

ISSN 2595-5934



PERIODICIDADE
MENSAL

JUL
2026

EDIÇÃO
Nº99

IDIOMAS
PORTUGUÊS E INGLÊS

 **QUALIS B3**



www.souzaeadrevistaacademica.com.br

**ALFABETIZAÇÃO E INTELIGÊNCIA EMOCIONAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA:
DESAFIOS E IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS**
**LITERACY AND EMOTIONAL INTELLIGENCE IN BASIC EDUCATION:
CHALLENGES AND PEDAGOGICAL IMPLICATIONS**

GOMES, Leandro Dias¹

RESUMO

O presente estudo objetiva refletir sobre o conceito de alfabetização emocional e inteligência emocional no campo da educação básica. A metodologia abordada foi a revisão da bibliografia. A pesquisa busca evidenciar sobre a necessidade da formação sistemática em educação emocional, para que professores e estudantes possam manter relacionamentos mais saudáveis consequentemente produzindo melhores resultados quanto ao ensino e aprendizagem. A conclusão a que se chega é que o investimento em inteligência emocional se faz necessário para o bom desenvolvimento das relações intra e interpessoais entre os atores da educação acarretando melhores índices educacionais e bem-estar entre famílias, estudantes e equipe pedagógica.

Palavras-chave: Alfabetização Emocional. Inteligência Emocional. Educação.

ABSTRACT

This study aims to reflect on the concept of emotional literacy and emotional intelligence in the field of basic education. The methodology employed was a literature review. The research seeks to highlight the need for systematic training in emotional education so that teachers and students can maintain healthier relationships, consequently producing better results in teaching and learning. The conclusion reached is that investment in emotional intelligence is necessary for the healthy development of intra- and interpersonal relationships among those involved in education, leading to better educational outcomes and well-being among families, students, and the teaching staff.

Keywords: Emotional Literacy. Emotional Intelligence. Education.

INTRODUÇÃO

A educação básica enfrenta diversos desafios ao longo de sua existência. Conflitos interpessoais entre professores, estudantes e comunidade influenciam no desenvolvimento das habilidades de ensino e aprendizagem, como violência e

¹ Mestre em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. ORCID iD: 0009-0006-8485-1903. prof.leandrodias@edu.treslagoas.ms.gov.br

desregulação emocional. O ensino oferecido pela escola conteudista, focada no ensino sistemático de matemática e Língua Portuguesa, o professor que deve direcionar seu trabalho apenas aos aspectos cognitivos dos estudantes, a famigerada “educação bancária” já não respondem a atual sociedade tecnológica e dinâmica.

Em decorrência disso, o adoecimento mental cresce vertiginosamente. Relatórios recentes da Organização Mundial da Saúde (2022) destacam que os transtornos mentais já figuram entre as principais causas de incapacitação da juventude e de docentes, tornando-se, portanto, um problema não apenas de saúde, mas também educacional. A escola, como espaço privilegiado de socialização, não pode se eximir da responsabilidade de fomentar o desenvolvimento de competências emocionais que favoreçam a resiliência e a saúde psíquica, pois é no espaço escolar em que os estudantes passam mais tempo, aprendendo a se relacionar com o meio social em que estão inseridos.

Desta forma, aprofundar os estudos sobre alfabetização emocional no ambiente escolar ganha um enfoque importante sob o corolário de trazer melhores resultados educacionais e nos relacionamentos entre os envolvidos na educação, principalmente na relação entre professores e estudantes. Por isso, discutir sobre o conceito de alfabetização emocional torna-se imprescindível no atual cenário em que a educação básica se insere.

As emoções, com o advento dos estudos de Daniel Goleman (2012), ganharam destaque ao enfatizar a necessidade das pessoas de se tornarem alfabetizadas emocionalmente. As situações de trabalho são envolvidas por relacionamentos intra e interpessoais. São as nossas emoções que nos orientam quando temos que tomar providências importantes em situações extremas ou delicadas.

Assim inserir a alfabetização emocional no currículo não se limita a uma inovação didática, mas representa uma mudança de paradigma sobre a própria função da escola. Mais do que espaço de transmissão de conteúdos formais é também espaço de construção de vínculos, do desenvolvimento da sensibilidade humana. A aprendizagem não ocorre de forma dissociada da afetividade, uma vez que emoções

orientam comportamentos moldam percepções e influenciam profundamente a relação do estudante com o conhecimento (SOUZA et al., 2025).

O fortalecimento da saúde psíquica dos alunos também depende da saúde mental dos professores. O estresse docente marcado por sobrecarga de trabalho e a falta de apoio estrutural, compromete tanto o desempenho profissional quanto o clima escolar. Desse modo uma proposta de alfabetização emocional deve contemplar não apenas os discentes, mas também os educadores, criando práticas de autocuidado e escuta coletiva que se desdobram em efeitos positivos para toda a comunidade escolar.

Celso Antunes (2019) discorre que durante a evolução da espécie humana, a emotividade tem um papel essencial para a solução dos problemas mais proeminentes da vida. É ela que nos conduz quando surgem provações essenciais para serem deixadas apenas a nossa pobre intelectualidade.

Segundo Rego e Rocha (2009) os desafios da sala de aula são bem mais complexos do que algumas décadas atrás. Entende-se que uma grande parcela do processo do ensino e aprendizado está pautado em emoções, ou seja, na construção dos vínculos emocionais que se dá nos processos educativos. Assim o educador que não estiver bem emocionalmente, dificilmente terá bom êxito no ensino e isso prejudicará a percepção das necessidades de cada aluno dificultando acolhimento dos mesmos.

Goleman (2012) salienta que atualmente, a falta de bons sistemas de apoio, tornam as tensões externas tão grandes que mesmo famílias bem estruturadas estão desmoronando, exemplo a enorme quantidade de divórcios. O autor ainda responsabiliza o sistema capitalista, como umas das principais causas de gerar problemas emocionais na população mundial. E acrescenta:

A competitividade econômica, em nível mundial, que barateia o custo de mão de obra, cria forças econômicas que pressionam a família. Vivemos tempos de famílias economicamente acossadas, em que os pais trabalham muitas horas de modo que os filhos são deixados por sua conta própria e risco ou aos cuidados da televisão, a substituta; em que mais crianças do que nunca são criadas na pobreza, em que famílias de um só pai ou mãe são cada vez mais comum; em que mais bebês e crianças pequenas são deixados em creches tão mal equipadas que equivalem abandono (p. 252).

Segundo o autor, tudo isso acarreta, mesmo para pais bem intencionados, a perda, cada vez maior, de incontáveis oportunidades para pequenos e protetores intercâmbios com seus filhos, fundamentais para desenvolvimento das aptidões emocionais. As famílias estão perdendo o tempo de qualidade tão importante para a formação da moral e valores humanos das crianças e jovens.

Alfabetização emocional implica no mandato ampliado para as escolas, entrando no lugar de famílias com falhas na socialização das crianças. Segundo Antunes (2019) essa temerária tarefa exige duas grandes mudanças: que os professores vão além de sua missão tradicional e que as pessoas na comunidade se envolvam mais com as escolas, inclusive as famílias. O autor adverte para o cuidado que o professor deve tomar para não parecer substituir os pais nesta missão de alfabetizar as emoções, mas precisa descobrir-se responsável por novas funções, ajustando-se a uma nova realidade que a escola vem enfrentando.

Um olhar atento do educador pode descobrir problemas emocionais que estudantes vem enfrentando em suas vidas e pode ajuda-los a solucionar seus desafios. O professor conhece o potencial cognitivo de cada estudante. Quando há alguma alteração negativa destes índices de aprendizagem, o professor pode sinalizar como problemas emocionais que o aluno esteja enfrentando e assim orientá-lo a encontrar caminhos de superação das dificuldades.

Segundo Souza et al (2025), a alfabetização emocional enquanto prática pedagógica possibilita desenvolvimento de competências essenciais para que crianças e jovens aprendam a reconhecer suas emoções, enfrentar a diversidade e estabelecer relações respeitadas. Mais do que estratégia didática ela constitui uma política de cuidado que coloca a escola como agente central na construção de sociedades menos adoecidas e mais solidárias.

Desta forma o desenvolvimento da alfabetização emocional não apenas favorece a aprendizagem, mas funciona como fator protetivo contra o adoecimento mental. Investigar os benefícios da alfabetização e inteligência emocional nas relações educacionais, entre os atores principais se faz necessário buscando encontrar ferramentas úteis para equalizar estas lacunas da educação.

Com isso, o objetivo deste estudo é analisar o conceito de alfabetização/inteligência emocional e quais os desafios e impactos que permeiam sua implementação na educação básica sob a ótica dos processos de ensino e aprendizagem. Como objetivos específicos será discutido: De que maneira a alfabetização emocional pode contribuir no processo de ensino e aprendizagem. Levantar os desafios enfrentados para efetivação da alfabetização emocional nas unidades de ensino. Discutir sobre a importância da escola e do papel do professor na promoção da alfabetização emocional considerando suas implicações pedagógicas, institucionais e formativas. Se os documentos da educação básica o fazem menção ao conceito de alfabetização emocional

Busca-se, assim, contribuir para o avanço teórico e prático da área, oferecendo subsídios para a construção de práticas educativas mais integradas, humanizadoras e eficazes.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 ALFABETIZAÇÃO E INTELIGÊNCIA EMOCIONAL: CONCEITOS E DESAFIOS

As relações sociais que permeiam a educação e seu processo de ensino e aprendizagem são multifacetadas. Muitos desafios fazem parte desta relação: os conflitos são diários e desgastam as relações. Estudantes apontam que professores não são empáticos na relação diária, não entendendo suas fases e necessidades promovendo ações pedagógicas desmotivadoras. No outro extremo estão os docentes envolvidos em relações precárias de trabalho, jornadas extenuantes, baixos salários, medo do desemprego, cobranças por desempenho, volume excessivo de tarefas e falta de autonomia no ambiente profissional.

Pensar na implementação da alfabetização emocional na educação pode gerar desafios como: sobrecarga curricular, que dificulta incluir propostas socioemocionais de forma sistemática; escassez de materiais pedagógicos e políticas públicas específicas voltadas ao tema; resistência cultural com a ideia ainda presente de que emoções pertencem ao universo familiar e não ao ambiente educacional, além de outros desafios enfrentados. Contudo é imprescindível que o estudo sobre

alfabetização emocional passe a ganhar força no ambiente escolar e na formação dos professores como forma de corrigir estas distorções na atual sociedade.

Segundo Goleman (2012, p. 245) educadores constataram existir uma deficiência de ordem emocional nas pessoas, que a denominou de analfabetismo emocional. O autor a define como a incapacidade das pessoas de identificar, compreender e gerenciar as próprias emoções e as dos outros. Por isso destaca ser urgente a necessidade de uma educação que proporcione condições para a organização do desenvolvimento da inteligência emocional e até espiritual do ser humano.

Mas qual o conceito de inteligência emocional? O conceito de inteligência emocional foi desenvolvido inicialmente por Peter Salovey e John Mayer, em 1990 que definem como uma habilidade capaz de monitorar os sentimentos e pensamentos públicos intuito de discriminá-los entre pensamentos e ações. As informações emocionais podem e são explicadas através de quatro habilidade ou ramos: percepção das emoções, uso das emoções para facilitar o pensamento, compreensão das emoções e regulação das emoções. A partir de 1995, o termo passou a ser popularizado através dos estudos desenvolvidos por Daniel Goleman, autor basilar deste estudo.

De acordo com Goleman (2012), a inteligência emocional aborda 5 pilares basilares: autoconhecimento emocional; controle emocional; automotivação; empatia e habilidades sociais, como relacionamentos intra e interpessoais. Todas as pessoas tendem a apresentar certa reação a uma determinada situação. No entanto a resposta de uma mesma proposta certamente não será igual para outros. A partir do reconhecimento das emoções, ou seja, observar e pensar na melhor ação para o momento é passar por uma alfabetização emocional.

Goleman (ibid) afirma que a educação emocional deve ser iniciada desde a infância e intensificada durante o período escolar, sendo levada para toda a vida. Uma criança obtém um melhor desempenho estudantil quando tem um emocional estimulado positivamente nos anos que antecedem o ingresso escolar que se dá por

volta dos quatro anos. Por isso quanto antes a criança ser alfabetizada emocionalmente, mais chances de sucesso nas relações sociais ela terá.

Paulo Freire (2019) ressalta que os profissionais da educação devem compreender a complexidade em questão, pois são direta ou indiretamente envolvidos no processo de ensino: aspectos sociais, multidisciplinares, políticos, culturais, econômicos etc., para que se tornem modificadores de sua prática e da vida de cada cidadão.

A escola tradicional sempre valorizou os conceitos cognitivos e racionais em detrimento do emocional. A escola hoje tem como discurso e objetivo a formação integral de seu aluno, afastando-se o processo antigo de formação. Contudo, os métodos e formas aplicados ainda deixam professores e estudantes inseguros frente a esta integralidade de formação, especificamente quando se fala de aspectos emocionais.

A educação contemporânea evidencia que o emocional é parte fundamental neste processo de aprendizagem: cognitivo e emocional não se dissociam:

Se não temos controle sobre nossas emoções, se não temos autopercepção, se não somos capazes de gerenciar nossas emoções perturbadoras, se não conseguimos ter empatia e relacionamentos eficazes, então, não importa o quão inteligentes sejamos, não iremos muito longe (GOLEMAN, 2012, p. 49).

Importante salientar o alerta de Antunes (2019) sobre o cuidado em não sobrecarregar os currículos já sobrecarregados das instituições de ensino com o conceito de alfabetização emocional. O autor sugere a não criar uma nova disciplina, mas a de somar os ensinamentos relativos alfabetização emocional com outras matérias já ensinadas em outras disciplinas de uma forma interdisciplinar.

Goleman (2012) pontua que uma estratégia de educação emocional não é criar uma nova classe, mas fundir lições sobre sentimentos e relacionamentos com outras matérias. As lições emocionais podem fundir-se naturalmente com leitura e escrita, saúde, ciência, até mesmo com a matemática como aptidões de estudo como afastar distrações para estudar e controlar os impulsos para poder acompanhar o ensino

Vale destacar que a alfabetização emocional não se limita aos aspectos sentimentais é uma abordagem que visa o autoconhecimento, o desenvolvimento da

empatia, resiliência, temperança e outros aspectos diretamente ligados ao comportamento, já que professores e alunos além de terem necessidades físicas possuem também necessidades emocionais. Esses aprendizados não nascem prontos, mas são construídos diariamente, desenvolvido nas relações humanas e sociais das pessoas. Por isso, emerge como um pilar essencial para o desenvolvimento integral de crianças e adolescentes sendo a escola um espaço mais estratégico para sua promoção.

Goleman (2012) salienta que como a vida em família não mais proporciona a muitas crianças e jovens uma base segura na vida, as escolas permanecem como o único lugar a que a comunidade pode recorrer em busca de corretivos para as deficiências da garotada em competência emocional e social. Isso não quer dizer que as escolas, sozinhas, possam substituir todas as instituições sociais que muitas vezes já estão ou se aproximam do colapso. Mas como praticamente toda criança vai à escola, esse é um lugar que pode proporcionar as crianças os ensinamentos básicos para a vida que talvez elas não recebam nunca em outra parte. “A alfabetização emocional implica um mandado ampliado para as escolas entrando no lugar de famílias que falham na socialização das crianças.” (p.294)

Contudo, o autor (ibid) alerta que para que esta tarefa seja exitosa é necessário que ocorra duas grandes mudanças: que os professores vão além de sua missão tradicional e que as pessoas nas comunidades se envolvam mais nas escolas. Mas para que este resultado seja positivo é preciso que professores sejam qualificados a essa competência. Percebe-se até o momento nas escolas públicas em geral pouca coisa ou nada da educação padrão dos professores os prepara para esse tipo de ensinamento.

Celso Antunes (2019) revela que em cada uma das pessoas existe sempre um potencial de dignidade que desabrocha para educação emocional ajudando a construir seres humanos melhores. Acrescenta que o estudante brasileiro já não pode continuar sendo visto como um intelecto uniformizado e a escola precisa ampliar sua função principal que é ser agente e transmissora de saberes. Por isso destaca que o papel do professor neste processo é importantíssimo, seu envolvimento emocional ao

estar em sala de aula e a mediação são essenciais para dar sentido as experiências vividas pelos estudantes, tornando-os mais seguros e cooperativos.

Um outro aspecto de análise refere-se a falta de informação adequada para professores que muitas vezes não foram preparados para lidar com essas competências emocionais em sala. Segundo Celso Antunes (2011) o educador que compreende suas próprias emoções está mais apto a reconhecer, validar e lidar com a diversidade emocional presente na turma estabelecendo um vínculo de confiança e segurança com os alunos.

Neste prisma, os profissionais da educação com prática emocional bem desenvolvida têm mais probabilidade de sentirem-se satisfeitos e de serem eficientes em suas vidas, dominando os hábitos mentais que fomentam sua produtividade. Já os que não conseguem exercer nenhum controle sobre sua vida emocional travam batalhas internas que sabotam a capacidade de concentração no trabalho e de lucidez de pensamento (GOLEMAN, 2012).

Dados coletados junto à Previdência Social apontam que foram concedidos 546.254 benefícios de afastamento temporário por transtornos mentais e comportamentais, sendo os mais destacados transtornos ansiosos e episódios depressivos, em 2025 (BRASIL, 2026). Conforme o Centro do Professorado Paulista (CPP, 2025), a partir de dados da Diretoria de Perícias Médicas do Estado (DPME) via Lei de Acesso à Informação, o Estado de São Paulo registrou 25.699 licenças médicas concedidas a professores da rede por transtornos mentais e comportamentais (CID-10) entre janeiro e setembro de 2025, o que equivale a uma média de 95 afastamentos por dia.

Professores relatam apresentar desgaste emocional, pois não conseguem lidar com os desafios enfrentados em sala de aula: estresse constante, agressão sofrida pelos estudantes e seus familiares, pressão por melhores resultados e sobrecarga extraclasse de trabalho adoecem o professor gerando prejuízos financeiros as instituições, mas mais do que isso, prejudicando os profissionais e desestimulando a formação de novos professores.

A alfabetização emocional, nesse contexto, configura-se como um processo pedagógico intencional, que visa desenvolver no indivíduo a consciência emocional e a capacidade de lidar com suas próprias emoções e com as dos outros. Gleice Maria e José Coutinho (2025) ressaltam que práticas pedagógicas voltadas ao desenvolvimento emocional contribuem significativamente para a aprendizagem dos alunos e para o equilíbrio psicológico de professores.

O professor precisa que seu aspecto físico, social, intelectual e emocional esteja em equilíbrio para continuar com compromisso com seu trabalho. É preciso que o professor também desenvolva inteligência emocional. Neste sentido as instituições escolares devem incentivar a formação continuada para que os professores possam dominar as competências emocionais. As instituições de ensino devem desenvolver programas de alfabetização emocional, periodicamente, com seus professores, a fim de obter melhores resultados e prevenir seu corpo docente de adoecimentos mentais.

Um outro aspecto de análise são que os cursos de graduação de licenciaturas deveriam inserir em seus currículos a alfabetização emocional como aprendizagem importante para a formação docente, para que o profissional esteja mais bem preparado para os desafios em sala. Os cursos de graduação e de formação de professores deveriam sistematizar o conceito de inteligência emocional em seus currículos a fim de subsidiarem melhor os profissionais de educação para conseguirem desenvolver relações mais saudáveis e positivas consequentemente melhorando os relacionamentos e os índices educacionais.

A literatura evidencia que há um descompasso entre o reconhecimento da importância das competências socioemocionais e sua efetiva inserção nas práticas escolares (ALMEIDA; FERREIRA, 2024). A transposição da teoria para a prática exige não apenas conhecimento conceitual, mas também estratégias pedagógicas contextualizadas e adaptadas às realidades escolares (CORDEIRO, MARQUES, COSTA, 2021). Tal cenário reforça a necessidade de investigações empíricas que analisem como a alfabetização emocional é compreendida e aplicada no cotidiano educacional.

Um outro desafio enfrentado é a falta de materiais pedagógicos e de diretrizes institucionais que dificultam a implementação da alfabetização emocional de forma sistemática. A alfabetização emocional na organização curricular é uma condição necessária para que o educador possa ajudar o educando no desenvolvimento das competências intra e interpessoais e na construção do aprender a ser, pois é com respeito aos sentimentos, emoções e valores individuais que podem construir cidadãos responsáveis e emocionalmente equilibrados para vida social, sadia e produtiva.

Souza et al (2025) ressalta que a presença da alfabetização emocional no currículo não representa uma inovação metodológica, mas um investimento estrutural da saúde coletiva. Os autores acreditam que a criação de projetos pedagógicos voltados ao autoconhecimento, a escuta ativa e a mediação de conflitos permitem que o ambiente escolar se configure como um espaço de acolhimento

Pesquisas apontam que a formação inicial e continuada ainda privilegia conteúdos cognitivos, negligenciando o desenvolvimento de competências socioemocionais dos próprios professores (ALMEIDA; FERREIRA, 2024). Essa lacuna formativa impacta diretamente a prática pedagógica, dificultando a implementação de estratégias eficazes de alfabetização emocional.

Um professor emocionalmente competente é capaz de transformar a sala de aula em um espaço de acolhimento e desenvolvimento integral. O professor é um agente fundamental no desenvolvimento emocional dos alunos. Para tanto, é necessário que ele desenvolva sua própria competência emocional, sendo capaz de identificar, nomear e gerenciar suas emoções. Segundo Maria e Coutinho (2025) os principais desafios enfrentados pelos professores devido à falta de trabalho com as questões emocionais incluem: problemas de comportamento dificuldades no relacionamento interpessoal, baixa autoestima, dificuldades na resolução de problemas e impacto na saúde mental.

Anitta Abed (2014) alerta para que o trabalho pedagógico com vistas ao desenvolvimento emocional não deve ser considerado como mais uma tarefa do professor e sim como um caminho para melhorar as relações interpessoais na sala de

aula e construir um clima favorável à aprendizagem. Esse alfabetizador emocional precisa compreender a estratégia da aprendizagem específica ou da situação do trabalho, incitar as opiniões, conduzir discussões sobre um tema selecionado, múltiplas interações e casos diversos.

O professor precisa compreender que ele tem necessidades emocionais e seus alunos também, e quando estas necessidades não são atendidas, consequências podem surgir. Para Goleman (2012) da mesma forma que se deve cuidar do corpo precisa-se cuidar da mente. É preciso aprender a lidar com os próprios sentimentos e acolher os sentimentos dos estudantes, já que no espaço de sala de aula não se está imune a sentir, justamente é neste ambiente que inúmeros gatilhos emocionais surgem.

Um outro sujeito imprescindível nesta relação são as famílias. Celso Antunes (2019) destaca o valor inquestionável da tentativa de trazer os pais da escola, para que compartilhe com os mestres os propósitos dos conteúdos que serão trabalhados na alfabetização emocional. A escola o trabalho da escola será preciosamente ampliado se a família aceitar e comparecer às reuniões específicas para que se discuta sobre programas de alfabetização emocional e ajude a equipe docente a construir a base de seus fundamentos.

Ou seja, a educação emocional constitui-se um processo de construção permanente, que parte da família, passa pela escola e continua pela vida. O aluno precisa ser preparado pela escola para conviver em sociedade, mas não só cognitivamente e sim emocionalmente. Diante de uma sociedade tão estremecida emocionalmente, que influi diretamente na aprendizagem da criança se faz necessário aprender a gerir essas emoções de forma mais equilibrada facilitando o raciocínio.

Gerenciar emoções e manter relacionamentos interpessoais saudáveis, fazem parte das reformas educacionais modernas, porque não se pode pensar em cognição sem considerar as emoções como demonstrado por vários autores nesta pesquisa.

2.2 OS DOCUMENTOS DA EDUCAÇÃO BÁSICA E SUAS ORIENTAÇÕES QUANTO A INTELIGÊNCIA EMOCIONAL

Os principais referenciais da educação nacional costumam utilizar expressões como: Competências socioemocionais, educação integral, desenvolvimento socioemocional e habilidades socioemocionais, que remetem ao termo inteligência emocional. Vejamos os principais documentos nacionais que fazem alusão ao termo. Será apresentado em ordem cronológica.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB - Lei nº 9.394/96) estabelece que a educação deve promover o pleno desenvolvimento do educando e o preparo para o exercício da cidadania. Nesta definição pode-se inferir a inclusão das dimensões cognitivas, sociais e emocionais o que fundamenta legalmente o trabalho com emoções e valores éticos.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) foram inicialmente implementados em 1997 com a publicação dos primeiros documentos pelo Ministério da Educação. No documento já introduziam temas transversais como Ética e Pluralidade Cultural. Eles foram os precursores na tentativa de levar para a sala de aula discussões sobre convivência, respeito mútuo e autoconhecimento.

Outro documento importante são as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs, 2010) que estabelecem princípios éticos, políticos e estéticos para a educação básica. Esses princípios orientam as escolas a cultivar a autonomia, a solidariedade e o respeito ao bem comum, que são pilares da inteligência emocional social. Reforçam a formação integral do estudante, incluindo as dimensões: ética, afetiva e social. Essas dimensões dialogam diretamente com a inteligência emocional.

Contudo, em 2017, foi homologada a Base Nacional Comum Curricular, que ressalta o compromisso com a educação integral. A BNCC evidencia um conjunto de habilidades e competências que os alunos precisam dominar ao longo da vida acadêmica. Não só o domínio das competências e habilidades cognitivas, mas as de caráter emocional. Reconhece que a educação deve afirmar valores e estimulações que contribuam para a transformação da sociedade tornando a mais humana (BRASIL, 2018).

A BNCC trata explicitamente das competências socioemocionais. Das 10 competências gerais, destacam-se 3 como as que integram dimensões afetivas: autoconhecimento e autocuidado: que foca em conhecer-se, apreciar-se e cuidar da saúde física e emocional, envolvendo o reconhecimento de suas próprias emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade de lidar com elas;

Outra competência é a empatia e cooperação: que destaca o exercício do diálogo e da resolução de conflitos, promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, valorizando a diversidade sem preconceitos. E a competência responsabilidade e cidadania: que estimula a ação pessoal e coletiva com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, orientando o estudante a tomada de decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos e sustentáveis.

Além dessas, a BNCC fundamenta o trabalho socioemocional em cinco pilares principais: autoconsciência, autogestão, consciência social, habilidades de relacionamento e tomada de decisão responsável. Estes 5 princípios estão intrinsecamente ligados ao conceito de inteligência emocional.

A autoconsciência, segundo Goleman (2012) destaca-se como pilar inicial da inteligência emocional, uma vez que compreender as próprias emoções é essencial para regulá-las e consequentemente para gerenciar relações interpessoais. O autor afirma ainda que as emoções desempenham o papel central na condução e motivação das ações humanas, fornecendo a energia necessária para enfrentar desafios que muitas vezes transcendem as capacidades do intelecto. Famílias, escolas e instituições sociais devem desempenhar papéis fundamentais na tentativa de equilibrar a emoção e a razão estabelecendo princípios morais e éticos que orientem comportamentos mais racionais e menos impulsivos.

O segundo eixo é a autogestão ou autogerenciamento compreendido como a capacidade de gerenciar as próprias emoções, que requer o desenvolvimento de habilidades de autocontrole, autodisciplina e automotivação. O terceiro eixo é a consciência social que se refere a capacidade de compreender e respeitar as perspectivas alheias, reconhecer e apreciar as qualidades dos outros, demonstrando

empatia e compaixão. Para Paulo Freire (2019), adotar a consciência social implica a habilidade de se colocar no lugar do outro compreendendo suas emoções, pensamentos e pontos de vista. A prática educativa é, nesse sentido um espaço para o desenvolvimento da consciência social pois possibilita a reflexão sobre as relações de poder e a articulação de ações e emancipatórias.

O quarto eixo, a habilidade de relacionamento, destaca-se como a capacidade de conviver e atuar em grupo e a importância da comunicação eficaz. Goleman (2011) a define como a capacidade de transmitir e receber mensagens de maneira clara e compreensível, facilitando a compreensão entre os interlocutores. No ambiente escolar, a comunicação é o elemento fundamental pelo qual as pessoas interagem e a resolução construtiva de conflitos é habilidade de abordar e solucionar desentendimentos de forma que todas as partes envolvidas se sintam ouvidas e respeitadas, aspecto desafiador diário imbuído no cotidiano de professores e equipe pedagógica.

O quinto eixo é a tomada de decisão responsável que se refere a capacidade de realizar escolhas éticas e construtivas, considerando as consequências dessas decisões para si e para os outros.

Essas habilidades são consideradas fundamentais para o desenvolvimento integral dos estudantes e para a convivência em sociedade. Estudos recentes indicam que a promoção dessas competências no ambiente escolar contribui para a melhoria do desempenho acadêmico, da convivência social e da saúde mental dos estudantes (SANTOS; SILVA, 2025).

Além disso, a organização das competências socioemocionais em domínios específicos pode auxiliar na elaboração de práticas pedagógicas mais sistematizadas, favorecendo sua implementação no currículo escolar (CORDEIRO, MARQUES, COSTA, 2021).

No entanto, apesar de sua relevância, a inserção dessas competências nas práticas escolares ainda enfrenta desafios significativos, especialmente no que se refere à sua operacionalização pedagógica, como apresentado acima.

2.3 METODOLOGIA

Optou-se pela revisão bibliográfica nesta pesquisa pois permite trabalhar com análise de caráter documental objetivando investigar a alfabetização emocional no currículo escolar.

A metodologia, além do levantamento de referências, assumiu o compromisso de dialogar criticamente com os estudos identificando e definindo conceitos e apresentando desafios quanto à alfabetização emocional. Um processo investigativo que compreendeu o ato de pesquisar como construção de sentidos em que cada referência analisada contribuiu para fortalecimento de uma proposta teórica que reconheceu a importância da alfabetização emocional como tema central na educação contemporânea.

CONCLUSÃO

A partir dos estudos consultados, das análises realizadas, pode-se considerar alguns resultados quanto a temática da alfabetização emocional. Apesar da inserção no currículo escolar da educação integral presente na BNCC, o conceito de alfabetização emocional ainda tem pouca adesão entre os atores principais da educação: professores e estudantes e famílias.

Souza et al (2025) destaca haver obstáculos que revelam as contradições do próprio sistema educacional. O principal refere-se a formação docente, uma vez que muitos professores não tiveram acesso, em sua trajetória acadêmica, a conteúdos que abordassem a dimensão emocional como parte constitutiva da prática pedagógica.

A ausência de preparo específico conduz a inseguranças, receios e resistências, dificultando a implementação de projetos que integrem o cuidado psíquico à rotina escolar. Um profissional analfabeto emocionalmente não terá condições de realizar tal trabalho em sala. É preciso que os currículos das instituições de ensino superior possam abarcar em suas grades disciplinas sobre inteligência emocional para que preparem os profissionais para os desafios da licenciatura.

As condições estruturais das escolas públicas brasileiras também são barreiras que desafiam a implementação desta aprendizagem nas instituições. Enquanto professores estiverem sobrecarregados de trabalho, salas abarrotadas de estudantes, pouco poderão contribuir para o crescimento emocional das instituições. Apesar da BNCC apresentar competências socioemocionais a serem desenvolvidas pelos professores em sala de aula, ainda é possível perceber que as instituições ainda são pressionadas pela melhora de índices educacionais, destinando pouco tempo para cuidar da saúde emocional dos estudantes e equipe pedagógica.

É impossível exigir que o cognitivo esteja separado do emocional dos alunos e sabe-se que os resultados em avaliações externas são muito influenciados pelas condições emocionais que cada estudante enfrenta em seu cotidiano. Por isso se faz necessário que seja desenvolvido programas de formação continuada com os estudantes em sala de aula, para que possam aprender e refletir sobre suas emoções com o intuito de formar crianças e jovens mais equilibrados emocionalmente.

A escola precisa ressignificar sua função, passando de um lugar, antes visto apenas como instrução, para um espaço de cuidado, escuta e transformação social. É na escola onde ocorre muitas interações sociais, e por isso é tão importante que seja desenvolvida a alfabetização emocional neste local.

Foi comprovado que a BNCC traz discussões referentes a competências socioemocionais, contudo, professores e equipe pedagógica ainda possuem dificuldades em como trabalhá-las, por eles próprios não possuírem tais competências, segurança em transmitir tais conhecimentos e por falta de formação sistemática.

Em suma, alfabetização emocional é vista como uma necessidade urgente através dos desafios contemporâneos. Faz-se necessário e imprescindível formar indivíduos capazes de lidar com suas emoções, de respeitar as diferenças e de construir relações saudáveis, missões mais nobres da escola.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABED, Anita Lilian Zuppo. O desenvolvimento das habilidades socioemocionais como caminho para aprendizagem e o sucesso escolar de alunos da educação básica. São Paulo: UNESCO/MEC, 2014.

ALMEIDA, Rafael Henrique de; FERREIRA, Helena Maria. Educação emocional na escola: desafios contemporâneos. Devir Educação, 2024.

ANTUNES, Celso. Alfabetização emocional: novas estratégias. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

ANTUNES, Celso. Trabalhando a alfabetização emocional com qualidade. São Paulo: Paulus, 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018

BRASIL. Ministério da Previdência Social. Previdência Social concede 546.254 benefícios por incapacidade temporária por transtornos mentais e comportamentais. Brasília, DF, 28 jan. 2026. Disponível em: <https://www.gov.br/previdencia/pt-br/noticias/2026/janeiro/previdencia-social-concede-546-254-beneficios-por-incapacidade-temporaria-por-transtornos-mentais-e-comportamentais>. Acesso em: 21 abr. 2026.

CENTRO DO PROFESSORADO PAULISTA. Estado de São Paulo tem em média 95 afastamentos diários de professores por saúde mental. Limeira: CPP, 2025. Disponível em: <https://cpplimeira.com.br/estado-de-sao-paulo-tem-em-media-95-afastamentos-diarios-de-professores-por-saude-mental/>. Acesso em: 21 abr. 2026.

CORDEIRO, Eugenia de Paula Benício; MARQUES, Morgana Marcelly Costa; COSTA, Mayara Thayana Neves. Educação socioemocional: caminhos para inspirar estudos, pesquisas e práticas. Revista Tempos e Espaços em Educação, 2021.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa. 65. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

GOLEMAN, Daniel. Inteligência emocional: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente. 2.ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

MARIA, Gleice José; COUTINHO, Diógenes José Gusmão. A alfabetização emocional como facilitadora do processo ensino-aprendizagem. Revista Ibero-Americana de Humanidades, 2025.

MORAIS, Everton Adriano de. Neurociência das emoções. Curitiba – Intersaberes, (Série Panoramas da Psicopedagogia) - 1º ed. 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Relatório mundial de saúde mental: transformar a saúde mental para todos. Genebra: OMS, 2022.

REGO, Claudia Carla de Azevedo Brunelli; ROCHA, Nívea Maria Fraga. Avaliando a educação emocional: subsídios para um repensar da sala de aula. Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação, Rio de Janeiro, v.17, n. 62, p. 135-152, jan./mar. 2009. Disponível em: <https://revistas.cesgranrio.org.br/index.php/ensaio/article/view/524>. Acesso: 2021-08-17

SANTOS, Miriam de Lima; SILVA, Rozineide Iraci Pereira da. Educação socioemocional na escola: estratégias no século XXI. Revista FT, 2025.

SOUZA, Cilianne Édila et al, Alfabetização emocional: Uma ponte entre currículo escolar e promoção da saúde psíquica. Revista Estudos em Ciências Humanas e Sociais (livro eletrônico). Aurum editora. Curitiba, PR, 2025. p. 36-52. Disponível em: <https://aurumpublicacoes.com/index.php/editora/article/view/479/519>